



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

Apresentação

Patrícia Del Nero Velasco

Como citar: VELASCO, P. D. N. Apresentação. *In:* VELASCO, P. D. N. (org.). **Ensino de – qual? – Filosofia:** ensaios a contrapelo. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2019. p. 13-20.

DOI: <https://doi.org/10.36311/2020.978-85-7249-063-4.p13-20>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

APRESENTAÇÃO¹ |

Patrícia Del Nero Velasco

Desde a Grécia antiga, a temática da formação – tanto do indivíduo quanto do filósofo – constitui-se como parte da história da Filosofia. Perguntas como “O que é Filosofia?”, “No que consiste o ensinar? O que significa aprender?”, “É possível ensinar Filosofia?”, “Aprende-se Filosofia?”, “Há técnicas de ensino que independem do conteúdo a ser ensinado? (Seria possível uma didática geral?)”, “Por que ensinar Filosofia?”, entre outras, foram discutidas por pensadoras e pensadores, entrelaçadas às teorias filosóficas, imbricadas às demais temáticas e ao contexto das obras destes(as) autores(as). Neste sentido, o Ensino de Filosofia não foi pensado pelos filósofos clássicos de modo dissociado dos problemas postos aos seus respectivos tempos.

Não obstante, a tradição universitária brasileira usualmente considera as questões do Ensino de Filosofia como de ordem exclusivamente pedagógica; nos cursos de formação de professores, estabelece-se uma nítida cisão entre as disciplinas filosóficas (aquelas que tratam de temas, das

¹ Parte substancial deste texto foi publicada na seção inaugural do artigo “O que é isto – o PROF-FILO?”, de minha autoria (VELASCO, 2019), o qual integra o dossiê sobre Ensino de Filosofia da Revista *O que nos Faz Pensar* (PUC-RJ). Agradecemos ao editor da Revista, Pedro Duarte, assim como aos organizadores do referido dossiê, Edgar Lyra e Marcela Oliveira, por cederem os direitos autorais para essa nova publicação. <https://doi.org/10.36311/2020.978-85-7249-063-4.p13-20>

grandes áreas e da história da Filosofia – e costumam ser compartilhadas com o Bacharelado) e as disciplinas educacionais, as quais versam sobre didática, políticas educacionais, psicologia da educação e práticas de ensino – sendo ministradas, geralmente, para discentes de várias licenciaturas. Os temas e problemas filosóficos não costumam ser considerados, nos cursos de graduação em Filosofia, em relação com suas implicações e seus direcionamentos para o ensino².

Trata-se de um modelo de formação de professores amplamente criticado, há cerca de 40 anos, por pesquisadores da área. Crítica esta reconhecida pelos documentos legais desde a LDB de 1996. O Parecer CNE/CP 09/2001 e o documento que o substituiu em 2015, Parecer CNE/CP 02/2015, por exemplo, determinam a terminalidade e a integralidade próprias da Licenciatura com relação ao Bacharelado, a qual passa a se constituir, ao menos na letra da lei, em um projeto específico, com currículo e perfil de formação próprios (BRASIL, 1996, 2002, 2015).

Os cursos brasileiros de Licenciatura em Filosofia, contudo, ainda procuram estratégias formativas e condições institucionais para executarem as mudanças legais. Neste contexto, as palavras de Menezes permanecem atuais: “[...] a Universidade tem aceitado formar professores como espécie de tarifa que ela paga para poder fazer ciência em paz. A Universidade tem que assumir a formação do professor como tarefa, como uma de suas tarefas centrais” (1986, p. 120). No caso específico da Filosofia, há muito ainda a ser feito para que as licenciandas e os licenciandos reflitam filosoficamente sobre as didáticas e as metodologias do Ensino de Filosofia, para que as graduações propiciem que a futura professora e o futuro professor pesquisem a prática docente sob a ótica da literatura filosófica; para, enfim, que os cursos de formação concebam o Ensino de Filosofia como indissociável da própria Filosofia.

² Esta concepção formativa resultou no estabelecimento de uma hierarquia dentro do meio acadêmico brasileiro: os cursos de formação docente são historicamente considerados cursos de segunda categoria, principalmente quando comparados aos respectivos bacharelados. Prioriza-se e valoriza-se a formação do pesquisador em detrimento da formação do professor, “como se fosse possível ser um bom professor sem pesquisar a própria prática – ou um bom pesquisador sem compartilhar a pesquisa com outros” (GALLO; KOHAN, 2000, p. 181). Sobre formação em Ensino de Filosofia, cf. Tomazetti (2012) e Velasco (2014).

Poderiam a leitora e o leitor, contudo, objetar: em que medida é possível, efetivamente, defender que as questões relativas ao Ensino de Filosofia compreendem problemas e objetos de investigação da própria Filosofia? O presente livro sustenta – na esteira de um movimento crescente nas últimas décadas, no Brasil e em países da América Latina³ – que ensinar (e aprender) Filosofia demanda uma inserção *na* Filosofia: ainda que de maneira não refletida, toda professora e todo professor ensinam Filosofia de acordo com o modo como se relacionam com essa – seja qual for – Filosofia. Uma vez que a questão “Que é isto – a Filosofia?” é eminentemente filosófica, o ensino (e a aprendizagem) da (em) Filosofia ocorre necessariamente em terreno filosófico.

Como afirma Kohan, “parece claro que não é possível ensinar filosofia sem ensinar alguma filosofia [...]; também não é possível fazê-lo sem habitar certo espaço para o pensamento e sem configurar determinados sentidos para seu ensino e sua aprendizagem” (2000, p. 25). Diferentes concepções de Filosofia implicam distintos modos de ensinar Filosofia: a escolha de temas, autores, períodos históricos e/ou habilidades cognitivas/objetivos de aprendizagem não é neutra. As reflexões sobre o ensino da Filosofia estarão, sempre, imbricadas por perspectivas filosóficas, não havendo imparcialidade docente na seleção de conteúdos e métodos de ensino, nem tampouco nas discussões sobre estes últimos.

Uma vez que há (ao menos) uma perspectiva filosófica implicando nas reflexões sobre o Ensino de Filosofia, infere-se que este contém pressupostos filosóficos. As discussões sobre esses pressupostos – a identidade da Filosofia e do filosofar, seu sentido formativo e sua finalidade enquanto disciplina, a determinação do que ensinar e de como fazê-lo, as relações entre a Filosofia e sua história etc. – demarcam e constituem a intitulada *Filosofia do Ensino de Filosofia*.

³ Uma leitura obrigatória sobre a temática compreende a obra *O ensino de filosofia como problema filosófico* (2009), do argentino Alejandro Cerletti, a qual reúne reflexões basilares para se pensar o ensino filosófico, tais como: o que é filosofia? O que significa ensinar? O que há de criação e de repetição na filosofia e em seu ensino? Quais as relações entre filosofia, história e ensino da filosofia? Quais os objetivos e o valor formativo da filosofia como disciplina do ensino médio? Quais as possibilidades e os limites do ensino filosófico institucionalizado? Há uma didática propriamente filosófica? É possível ensinar filosofia sem ser, em alguma medida, filósofo?

Se os diferentes objetos temáticos da Filosofia caracterizam as distintas subáreas de pesquisa desta última, como Filosofia Política, Filosofia Moral, Filosofia da Lógica, Filosofia da Linguagem e Filosofia da História, por exemplo, o Ensino de Filosofia, tomado como objeto e problema de investigação filosóficos, delimita e identifica a supramencionada Filosofia do Ensino de Filosofia, subárea de conhecimento de cunho filosófico que toma para si as reflexões sobre os fundamentos teóricos e os pressupostos do referido ensino, fincando-se na interface entre Filosofia e sala de aula.

As questões do ensino e da educação, quando irrompem na Filosofia, abrem espaços de problematização que podem oferecer aos futuros professores outros modos de pensar, outros modos de interrogar. [...] O ensino está circunscrito à instituição escolar e à presença do professor. [...] Problematizar o que ali ocorre, como ocorre, com quem ocorre é [...] um exercício filosófico, ou seja, o que poderia chamar de uma Filosofia do Ensino. (TOMAZZETI, 2016, p. 75-80).

O livro que a leitora e o leitor têm em mãos reúne ensaios de diversos/as professores/as-pesquisadores/as, os/as quais tomam filósofos de seu interesse para debater as relações entre Filosofia e Ensino. Nesse sentido, a obra constitui-se de uma série de *exercícios filosóficos* que, por sua própria natureza e objeto de investigação, exemplifica e procura dar densidade filosófica para as reflexões na área supramencionada. A cada capítulo percorrido, a cada mote escolhido para discussão, a cada referência bibliográfica usada, torna-se evidente que:

grandes pensadores [...] não deixaram de fora do espaço de seu pensamento a questão do ensino da Filosofia, mas antes o trataram de forma implicada no contexto de sua obra, e o modo como esse assunto foi pensado por esses autores não está posto como algo exterior, ou, ainda, heterodoxo às suas teorias filosóficas, mas de forma imanente aos problemas que colocavam aos seus próprios tempos e ao alcance de suas filosofias. (GELAMO, 2009, p. 82).

Os capítulos que compõem o presente volume constituem uma rica amostra de como as discussões sobre ensinar Filosofia permeiam obras clássicas usualmente identificadas com outros temas e problemas filosóficos. Ademais, a indissociabilidade entre a filosofia e seu ensino está tam-

bém presente nas propostas e nos percursos filosóficos criados por cada autora e cada autor deste livro coletivo, os quais evidenciam e põem em jogo, em alguma medida, a relação que cada professor/a-pesquisador/a tem com o filosofar e o ensinar a filosofar. Em última instância, a obra constitui-se de possíveis construções do problema filosófico “ensinar filosofia”:

Construir o problema filosófico “ensinar filosofia” requer aceitar que se trata de uma questão de conceito e não apenas, ou simplesmente, de estratégias de ensino, de didática ou de metodologia. Levar ao conceito ou “ensinar filosofia” exige, por sua vez, reconhecer que as estratégias didáticas teriam um valor relativo diante das posições filosóficas que terão que ser assumidas, e poderão variar ante as diferentes decisões tomadas perante o problema “ensinar filosofia”. (CERLETTI, 2009, p. 79).

Embora amadurecida e encaminhada apenas recentemente, a ideia do projeto de construções do problema filosófico “ensinar filosofia”, ora publicado, data de 2015. No referido ano, responsável pela disciplina *Filosofia do Ensino de Filosofia* do curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal do ABC, vislumbrei a possibilidade da obra ao convidar colegas da UFABC para ministrar uma aula-exercício durante os meus cursos. A ideia era que elegessem filósofos para discutir a concepção de Filosofia destes, uma possível concepção de ensino de Filosofia ensaiada a partir do que é Filosofia para o filósofo em questão e, eventualmente, a relação destas concepções com a História da Filosofia. Exercício similar já era realizado com as discentes e os discentes da disciplina, as/os quais criavam e debatiam durante as aulas suas próprias concepções de Filosofia e ensino⁴.

A partir de 2017, com o início das atividades do Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) e as inúmeras reflexões advindas não só das disciplinas, mas dos numerosos momentos de discussão sobre a natureza do programa, a concretização do projeto fez-se, de algum modo, urgente. Necessária enquanto material possível de apoio às disciplinas e aos

⁴ Os ensaios desenvolvidos pelas/os licenciandas e licenciandos da disciplina Filosofia do Ensino de Filosofia no segundo quadrimestre letivo de 2015 foram publicados em forma de artigo coletivo no número inaugural da Revista Digital de Ensino de Filosofia – REFILO, com o título “Identidade e Ensino da Filosofia: correspondências e problematizações” (VELASCO et al., 2015).

trabalhos desenvolvidos pelas professoras e pelos professores discentes do PROF-FILO; relevante – julgamos – para o processo de consolidação da área de Ensino de Filosofia junto à comunidade filosófica nacional.

As autoras e autores convidados tiveram total liberdade de criação, traçando os percursos que consideraram mais interessantes ou pertinentes para a discussão pretendida. Sabe-se que alguns filósofos não apresentaram explicitamente as questões-tema do livro. Nestes casos, os capítulos adquiriram um tom ainda mais ensaístico. Daí o subtítulo da obra: “ensaios a contrapelo”. Nos textos que compõem esta última, as filosofias não são tomadas do mesmo modo como um especialista em determinado filósofo o faria: são, antes, fonte e caminho para se pensar a problemática filosófica de ensinar a filosofar⁵.

Dada a riqueza da literatura filosófica, procurou-se minimamente varrer os vários períodos da História da Filosofia. A prioridade na estruturação da obra, contudo, foi outra, a saber, a participação de pesquisadoras e pesquisadores com histórico de trabalho e inserção na área de Ensino de Filosofia – garantindo que as questões debatidas em cada capítulo fossem problemas efetivamente caros às escritoras e escritores, dialogando com as respectivas trajetórias profissionais⁶. Justifica-se, pois, o caráter coletivo do livro: ao propor debater a intrínseca relação entre as diferentes concepções de filosofia e suas inúmeras possibilidades de ensino, a partir de percursos próprios e singulares, o texto não poderia ter uma única autoria. As diversas perspectivas filosóficas abordadas requerem, necessariamente, autoria plural.

Se o embrião do livro previa apenas a colaboração daqueles que compõem o núcleo UFABC do PROF-FILO, após alguns anos e, principalmente, depois de ricos encontros com colegas que se dedicam às problematizações do Ensino de Filosofia como objeto de reflexão e pesquisa filosóficas, os convites foram estendidos para além do âmbito do LaPEFil – *Laboratório de Pesquisa e Ensino de Filosofia* (UFABC/CNPq). Todavia, os prazos e as agendas sempre repletas de todos nós – que nos desdobramos

⁵ A sugestão do subtítulo em questão foi dada pelo prof. Paulo Tadeu da Silva, a quem registro meu agradecimento.

⁶ Observa-se que a grande maioria de autoras e autores estão credenciados em um mestrado profissional (seja o PROF-FILO, seja o Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Ensino (PPFEN) do CEFET-RJ). Outras e outros tantos compõem o grupo de trabalho (GT) “Filosofar e Ensinar a Filosofar” da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF).

entre a pesquisa e o ensino, entre as ocupações administrativas e os eventos científicos – impediram a ampliação dos convites e, principalmente, restringiram os aceites. Gostaríamos de poder incluir outros autores de tradições filosóficas diferentes e, igualmente, filósofas e suas concepções de Filosofia e ensino. Na impossibilidade de realização imediata desse desejo, temos a felicidade de apresentar as páginas que se seguem⁷, deixando as portas abertas – por que não? – para a organização de um próximo volume.

Espera-se que os ensaios aqui publicados possam circular entre aquelas e aqueles que vivenciam a Filosofia e seu ensino, fomentando ideias e projetos, propiciando diálogos, oferecendo subsídio para as reflexões sobre a problemática filosófica de ensinar a filosofar – discussões extremamente caras à Filosofia, à consolidação da área de Ensino de Filosofia no Brasil e ao cenário político-educacional vigente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (LDB). *Diário Oficial da União*, Brasília, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP 9/2001. *Diário Oficial da União*, Brasília, Seção 1, p. 31, 18 jan. 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP 02/2015. Resolução CNE/CP nº 2, de 1º de julho de 2015. *Diário Oficial da União*, Brasília, Seção 1, n. 124, p. 8-12, 02 jul. 2015.

CERLETTI, A. *O ensino de filosofia como problema filosófico*. Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. (Ensino de Filosofia, 1).

GALLO, S.; KOHAN, W. O. Crítica de alguns lugares-comuns ao se pensar a filosofia no ensino médio. In: GALLO, S.; KOHAN, W. O. (org.). *Filosofia no ensino médio*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 174-196.

GELAMO, R. P. *O ensino da filosofia no limiar da contemporaneidade: o que faz o filósofo quando seu ofício é ser professor de filosofia?* São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

⁷ A publicação das páginas supracitadas foi viabilizada pelo Projeto de Pesquisa “A constituição do Ensino de Filosofia como campo de conhecimento: mapeamento da área na década de 2008 a 2018”, aprovado na modalidade Pós-Doutorado Sênior do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Chamada CNPq Nº 22/2018; Processo 148901/2018-2), realizado junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus Marília, sob supervisão do Prof. Dr. Rodrigo Peloso Gelamo, a quem agradecemos a parceria e o precioso prefácio.

KOHAN, W. O. Fundamentos à prática da filosofia na escola pública. *In*: KOHAN, W. O.; LEAL, B.; TEIXEIRA, A. S. (org.). *Filosofia na escola pública*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 21-73.

MENEZES, L. C. Formar professores: tarefa da universidade. *In*: CATANI, D.; MIRANDA, H.; MENEZES, L. C.; FISCHMANN, R. (org.). *Universidade, Escola e Formação de Professores*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p.115-125.

TOMAZETTI, E. M. Formação e Arte de viver: o que se ensina quando se ensina Filosofia? *In*: PAGNI, P. A.; BUENO, S. F.; GELAMO, R. P. (org.). *Biopolítica, arte de viver e educação*. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 229-247.

TOMAZETTI, E. M. Papel da Filosofia na formação de educadores. *In*: SEVERINO, A. J.; LORIERI, M. A.; GALLO, S. (org.). *O papel formativo da filosofia*. Jundiaí: Paco Editorial, 2016. p. 69-84.

VELASCO, P. D. N. Docência e formação em Filosofia: para pensar o tempo presente. *In*: PAGOTTO-EUSÉBIO, M. S.; ALMEIDA, R. (org.). *O que é isto, a Filosofia [na escola]?* São Paulo: Laços - Selo Képos, 2014. p. 11-31.

VELASCO, P. D. N.; BARROS, C. Z. Z.; BONOTE, M. T.; OGGIONI, S. C.; PINTOR, V. D. Identidade e Ensino da Filosofia: correspondências e problematizações. *Revista Digital de Ensino de Filosofia – REFILO*, Santa Maria, ano I, n.1, p. 06-22, dez. 2015.

VELASCO, P. D. N. O que é isto – o PROF-FILO? *O que nos faz pensar*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 44, p. 76-107, jan./jun. 2019.